



## **As empresas (empregadores e empregados) e a Saúde Ocupacional: a propósito da COVID-19**

A propósito da evolução da pandemia, a atenção agora está focada nas empresas de trabalho temporário e na Construção Civil e, como referido anteriormente, essencialmente na região de Lisboa e Vale do Tejo (denominação apenas relacionada com a distribuição geográfica das administrações regionais de saúde em Portugal já que os concelhos mais abrangidos são essencialmente de uma região ... da região ...).

A virose passou a ser visível (antes era invisível) em adultos jovens assintomáticos ativos, agora (e bem) copiosamente testados porque, acima de tudo, é preciso “controlar” essas situações na estratégia global adotada pelas políticas públicas de Saúde Pública que não empecilhem o “desconfinamento”, perspetivado como o “pulmão” da retoma da nossa vida social e económica. Tal ocorre ao mesmo tempo que, entre outras, florescem diversas críticas dos diferentes *timings* e “regras” de “desconfinamento” por parte dos, ainda, confinados e de um sóbrio (e controlado?) aumento do  $R_0$  (o número de reprodução da doença).

Antes já era assim, presume-se, mas não era “visível” e a visibilidade numa fase hipercrítica é o motor desta acentuada “espuma” noticiosa que se entrelaça completamente com quem tem que decidir e com as diversas influências a que estão permanentemente expostas, incluído a “Academia”.

A Academia constitui uma designação bem mais ampla do que a área do ensino superior e bem mais situada no conceito mais abrangente de “criação e divulgação de conhecimento” (não obrigatoriamente ligada a atividades académicas) que faz um esforço por participar e ajudar em várias áreas científicas. A área das relações entre o trabalho e a saúde “teima” em ser pouco valorizada talvez, eventualmente e entre



outros aspetos, pela pouca valorização que a comunidade dá ao trabalho (e ainda menos ao trabalho “barato”!).

É por isso que capacitar a população em saúde (e segurança) ocupacionais (SSO) e dar autonomia a trabalhadores e a empregadores pelas suas escolhas é inadiável como o atual “tsunami” pandémico veio “pôr a nu” de forma “impiedosa”.

De facto, poderá haver, entre muitas outras, uma perspetiva baseada na culpa que “responsabiliza” aquele grupo de trabalhadores pelo pontapé no (in)sucesso do nosso esforço coletivo de combate à COVID-19. Mal comparado, é como se se culpasse os pobres por adoecerem mais do que os ricos ...

É urgente que o conceito de “risco” derrote o conceito de “culpa” e o que temos que gerir é o risco e não a culpa, quer de empregados, quer de empregadores. A Saúde e Segurança do Trabalho (SST) é disso um bom exemplo, abandonada há muito a perspetiva, nalguns casos ainda infelizmente muito prevalente, do trabalhador negligente e incumpridor, adquirindo-se inadiavelmente um estatuto de responsabilidade da gestão do risco essencialmente por quem o cria estruturado, com certeza, no dever desse cumprimento por parte de todos.

A literacia em Saúde e Segurança do Trabalho, infelizmente, não é pandémica como a atual virose SARS-Cov-2 que tomou conta de nós, e não apenas em termos estritamente biológicos. E não se perdia nada em refletir:

- **Se as organizações (incluindo as atrás referidas) tivessem mais literacia nessa área, os resultados da nossa luta contra a COVID-19 seriam ou não melhores do que estão a ser?**



- **Se a valorização dada à SST pelos empregadores fosse maior, a nossa luta contra a COVID-19 seria ou não melhor do que está a ser?**
- **Se a valorização dada à SST pelos trabalhadores fosse maior, a nossa luta contra a COVID-19 seria ou não melhor do que está a ser?**
- **Se a valorização dada à SST pelos políticos fosse maior, a nossa luta contra a COVID-19 seria ou não melhor do que está a ser?**
- **Se os profissionais de SST tivessem uma mais adequada preparação para essa luta a resposta poderia ser melhor do que está a ser?**

Propõe-se essa reflexão como “gatilho” de uma melhor resposta a esta e a outras emergências em Saúde Pública que atingirão (quase) sempre todas as “células” da nossa sociedade e que passarão sempre pela participação de empregadores e de empregados, mas acima de tudo por uma mais eficaz gestão dos riscos profissionais.

Aos técnicos de Saúde e Segurança do Trabalho (SST) exige-se (e espera-se) competência (que façam bem o que devem fazer) e que estejam sempre ao serviço da saúde (e da segurança) de quem trabalha e aos Serviços de SST que prestam esses cuidados a melhor organização dessa resposta. Se tal acontecer o país e os trabalhadores estarão melhor preparados e, as empresas e os empresários serão, também, sempre beneficiários desse ganho em saúde e segurança.

*António Sousa-Uva*

*Departamento de Saúde Ocupacional e Ambiental da Escola Nacional de Saúde Pública (UNL)*

*Lisboa, 09 de junho de 2020*